



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

**CIBERATIVISMO DE MULHERES NEGRAS:
O YOUTUBE COMO ESPAÇO DE FALA E PROTAGONISMO**

CAMILA FONSECA JERONIMO

Rio de Janeiro

2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

**CIBERATIVISMO DE MULHERES NEGRAS:
O YOUTUBE COMO ESPAÇO DE FALA E PROTAGONISMO**

Monografia submetida à Banca de Graduação
como requisito para obtenção do diploma de
Comunicação Social – Jornalismo.

CAMILA FONSECA JERONIMO

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Chalini Torquato Gonçalves De Barros

Rio de Janeiro

2022

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP - Catalogação na Publicação

J56c Jeronimo, Camila Fonseca
Ciberativismo de mulheres negras: o Youtube
como espaço de fala e protagonismo / Camila
Fonseca Jeronimo. -- Rio de Janeiro, 2022.
58 f.

Orientadora: Chalini Torquato Gonçalves De
Barros.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola
da Comunicação, Bacharel em Comunicação Social:
Jornalismo, 2022.

1. mulheres negras. 2. Ciberativismo. 3.
redes sociais. 4. Youtube. 5. questões raciais.
I.Barros, Chalini Torquato Gonçalves De,
orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **Ciberativismo de mulheres negras: o Youtube como espaço de fala e protagonismo**, elaborada por Camila Fonseca Jeronimo.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia/...../.....

Comissão Examinadora:

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Chalini Torquato Gonçalves De Barros
Doutora em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação – UFRJ
Departamento de Métodos e Áreas Conexas – ECO/UFRJ

Prof^a. Dra. Luanda Dias Schramm
Doutora em Ciência Política pelo Instituto de Ciência Política - UNB
Departamento de Métodos e Áreas Conexas – ECO/UFRJ

Prof^a. Dr^a. Pâmela Guimarães da Silva
Doutora em Comunicação Social – UFMG
Departamento de Fundamentos – ECO/UFRJ

Rio de Janeiro

2022

Para que toda menina e mulher negra, assim como eu, possa acreditar no poder de sua fala e recupere a autoestima intelectual que lhes foi roubada. Menina preta, se liberte da síndrome da impostora e fale. Seja livre!

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado forças para concluir esse trajeto tão desafiador que foi a faculdade. Ebenézer. Foram sete anos de muitos medos, frustrações, inseguranças, mas que me fizeram crescer como profissional e ser humano. Sigo de pé e finalizo essa etapa da minha vida com um trabalho que me deu muita confiança para enfrentar as novas etapas que estão por vir.

Quero agradecer ao meu pai, Adorico, a pessoa que mais me incentivou a estudar desde pequena e me deu a base necessária para eu ter conseguido ingressar em uma universidade pública. Agradeço a minha mãe, Cláudia, por nunca ter duvidado da minha capacidade e pelo orgulho que sempre teve de mim, pois é esse orgulho que me faz querer ser sempre melhor. Dedico esse trabalho a ela, que é uma das milhares de mulheres pretas que nunca teve espaço de fala e oportunidade de ser quem ela quisesse. Um dia ela me disse que não se sentia bem sucedida na vida por não ter terminado o ensino fundamental e por ser dona de casa. O meu diploma é seu, mãe, e ele é um pedaço de papel que nunca vai poder medir a grande, incrível e bem sucedida mulher que você é.

Ao meu esposo, Iranildo, agradeço de todo coração, pois sem ele ao meu lado ao longo de quase toda a faculdade seria tudo muito mais difícil. Obrigada pelo incentivo diário, pelas palavras de motivação, por me acalmar nas minhas crises e por segurar minha mão nesse período. No decorrer desses anos de faculdade, nos casamos, construímos uma família e tivemos a nossa razão de viver, nosso filho, nosso Emanuel. Te agradeço por tudo isso!

Agradeço imensamente aos meus parentes que me receberam aqui no Rio de braços abertos, me dando um lar e a oportunidade de estudar, de sonhar e construir uma vida nova. Ivone, Irene, Perla, Gilda, Ivanildo, Letícia, Ivanildinho e toda a grande família Jeronimo aqui do Rio: vocês não compartilharam apenas os seus lares para que essa menina vinda do Ceará pudesse fazer faculdade, vocês também me deram amor, carinho e foram uma família para mim.

Agradeço também as três mulheres incríveis que tiveram muita participação nesse trabalho e que tive o privilégio de conhecer. Professora Luanda Schramm, obrigada por ter ouvido minha proposta de tema, lá em 2019, e ter sido tão solícita e disposta a me ajudar.

Você é a professora que mais me inspirou na ECO e ter sido sua aluna no primeiro período do ciclo básico foi uma honra e um grande prazer. Professora Chalini Torquato, agradeço imensamente por ter aceitado ser minha orientadora e ter tido tanta paciência comigo nesse processo. Você me mostrou que o TCC não é um bicho de sete cabeças e isso facilitou muito o meu processo de escrita. Cada palavra sua elogiando meus textos enchiam meu coração de alegria e meus olhos de lágrimas. É uma sensação única ter o reconhecimento de alguém que é uma inspiração e uma grande intelectual. Aprendi muito com as duas! E professora Pâmela Guimarães, que, apesar de não ter tido a oportunidade de conhecer pessoalmente e de ter sido aluna, aceitou de prontidão participar desse momento tão importante para mim. Muito obrigada!

E a todos os meus amigos que enchem minha vida de felicidade, em especial Débora, Gracilene, Priscila, Allan, Felipe, Juliana Rezende, que de alguma forma tiveram participação nessa minha trajetória com o Jornalismo e me incentivaram e inspiraram tanto, agradeço de todo coração!

E o risco que assumimos aqui é o do ato de falar com todas as implicações. Exatamente porque temos sido falados, infantilizados [...], que neste trabalho assumimos nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar, e numa boa.

(Lélia Gonzalez, 1984)

JERONIMO, Camila Fonseca. **Ciberativismo de mulheres negras: o Youtube como espaço de fala e protagonismo**. Orientadora: Chalini Torquato Gonçalves De Barros. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo). Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2022.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo mostrar a importância do ciberativismo de mulheres negras e a possibilidade que as redes sociais, em especial o Youtube, trouxeram para que elas pudessem ocupar o lugar de contadoras de suas próprias histórias. A busca da mulher negra por identidade tem sido um processo árduo, pois, além de enfrentar o racismo, ela também sofre com inúmeras questões sexistas. É um duplo processo de opressão que sempre tirou o seu lugar e o seu direito de falar e de ocupar espaços. Com o advento da internet, o crescimento das redes sociais e uma comunicação mais democrática, a mulher negra tem encontrado, enfim, um lugar para expor sua realidade e suas vivências e para ser quem ela deseja ser, livre de estereótipos e sem ser invisibilizada como sempre foi pela mídia tradicional. Para melhor elaborar o tema, foi feito um estudo de três canais no Youtube de mulheres negras, analisando seus alcances, os temas abordados e os principais comentários de pessoas que assistem aos seus vídeos. Para a base teórica, este estudo conta com referências de grandes intelectuais negras e de estudiosos sobre os avanços dessa nova forma de comunicação.

Palavras-chave: Ciberativismo; Youtube; mulheres negras; redes sociais; questões raciais.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 MULHER NEGRA E A POTÊNCIA NA FALA	15
2.1 A construção da identidade negra no Brasil	15
2.2 Feminismo negro e interseccionalidade	17
2.3 Lugar de fala, Escrivência e protagonismo	21
3 CIBERATIVISMO DA MULHER NEGRA NO YOUTUBE	24
3.1 Novas formas de comunicação e o ciberativismo	24
3.2 Ciberativismo nas redes sociais: o Youtube como lugar de visibilidade	27
3.3 Youtubers negras e lugar de fala	30
3.4 Algoritmo da opressão e racismo virtual	32
4 “VOCÊ ESTÁ PREPARADO PARA VER POTÊNCIA EM UMA MULHER PRETA?”	38
4.1 De Pretas e para pretas	39
4.2 Afros e afins, com autonomia e intenção	44
4.3 A potência chamada Xongani	49
5 CONCLUSÃO	54
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	56
7 ANEXOS	57

1 INTRODUÇÃO

O processo de identificação racial no Brasil é marcado por muita luta e quebra de padrões. Desde que foram arrancados de suas raízes, escravizados, desumanizados e tratados como animais, o povo negro teve sua identidade apagada. Não podia manifestar sua cultura, sua fé e nem direito ao seu próprio nome tinha mais. Sua identidade agora era a que o homem branco determinava. O lugar do homem e da mulher negra agora era nas plantações, de sol a sol. “Com sorte”, algumas eram escolhidas para servir aos senhores de engenho dentro da casa grande. Umas cuidavam da casa, cozinham, cuidavam dos filhos da senhora branca e até amamentavam-nos. Outras, acompanhavam suas senhoras durante o dia e eram usadas como objeto sexual de seus senhores durante a noite.

Com o decreto do fim do sistema escravocrata e uma liberdade de fachada, os negros se viram sem nome, sem identidade, sem endereço e sem nenhuma estrutura que lhes permitissem voltar a “viver”. Marginalizados, foram submetidos a subempregos e a uma vida cheia de dificuldades que ainda perduram. Por muito tempo, os negros não puderam viver, eles apenas sobreviveram, o que é a realidade da grande maioria até os dias de hoje. A história e realidade do povo negro é marcada por dor, a dor do açoite diário do racismo. Dor essa que se intensifica quando se é mulher. A mulher negra é a base da sociedade. Sofre dupla opressão: por ser negra e por ser mulher.

Esse trabalho irá expor como a figura feminina preta tem sido invisibilizada ao longo da história. No início do movimento feminista, mulheres brancas foram à luta por direitos iguais entre homens e mulheres, pelo direito de poder trabalhar, pelo direito ao voto, etc. Mas que mulheres estavam incluídas nessa luta? As mulheres negras nunca tiveram possibilidade de escolha. Trabalhar era seu meio de sobrevivência. A universalização do modo como feministas brancas entendiam o que era ser mulher ocultou mulheres de cor do movimento.

Com o levante de mulheres negras, que subverteram o sistema e começaram a falar, a expôr suas ideias e suas mazelas, o movimento ganhou uma nova vertente: o feminismo negro (até por volta dos 2000 conhecido aqui no Brasil como Movimento de Mulheres Negras), que traz, em seguida, a proposta de um feminismo interseccional. As vertentes propõem um debate mais amplo e justo a respeito de sistemas de opressão e a importância de não ocultar a luta de nenhum indivíduo e nem priorizar uma pauta em relação a outra. Esse movimento de mulheres negras exporem suas ideias, comecem a falar e a fazer com que suas vozes fossem

ouvidas, tem sido essencial para que padrões racistas e sexistas sejam quebrados, um a um.

O objetivo deste trabalho é mostrar a importância da fala da mulher negra enquanto ferramenta de mudança social e o impacto que, ao se sentir representada por uma mulher negra, outras como ela se sintam empoderadas e passem a ser donas de suas próprias identidades. Para isso, serão abordadas as dificuldades que a mulher negra enfrentou - e tem enfrentado - para alcançar esse lugar de protagonismo de sua história, desde o processo de consciência racial, seu lugar dentro da luta feminista e o seu “não lugar” nos meios de comunicação tradicional.

Assim como a mulher negra, pessoas LGBTQIA+, gordas e com deficiência sofrem com falta de representatividade nas mídias de discurso hegemônico. Na televisão, no jornal, no rádio, em revistas e no cinema por décadas a fio só se via um único padrão de beleza e um grupo seleto de pessoas, em sua maioria homens cis brancos, escolhendo quais pautas são importantes de serem abordadas. Enquanto isso, corpos oprimidos e fora do padrão de beleza e do que é certo na ótica branca heteronormativa foram apagados, marginalizados, sofrendo com falta de representação e de um lugar para se expressarem e compartilharem suas vivências.

A mulher negra foi reiteradamente colocada de forma estereotipada nas mídias tradicionais. Era sempre algo oscilando entre a “mulata” hipersexualizada, a doméstica e a mãe preta, entre outros estigmas. Nunca protagonista, nunca retratada em uma pauta que mostre sua realidade e, principalmente, nunca com um lugar de fala.

Com o advento da internet, vários canais de comunicação coletiva foram proporcionados. E as redes sociais facilitaram a interação com um grande público, possibilitando aos usuários alcançar pessoas dentro e fora de seus ciclos sociais, podendo publicar textos, fotos ou vídeos a qualquer hora e de qualquer lugar. Esse espaço - ou ciberespaço - trouxe uma nova forma de se fazer ativismo. Grupos de pessoas que reivindicavam seus direitos nas ruas, ou em reuniões com grupos de mesmo interesse poderiam agora ampliar esse debate através do ciberativismo e se conectar numa onda de motivação para que mais pessoas se engajassem em causas sociais.

Aqui, no presente trabalho, será analisado se e como a rede social Youtube, uma plataforma do Google, tem se configurando como uma ferramenta potencialmente capaz de ser um palco para o ciberativismo, para a representatividade e um local para corpos invisibilizados conseguirem ser vistos e ouvidos. Segunda mais usada no mundo, a rede social

tem se mostrado uma grande ferramenta para conseguir visibilidade para pautas que até hoje não são abordadas na mídia tradicional da forma como merecem e um lugar onde mulheres negras podem protagonizar suas causas, suas histórias, compartilhar conhecimento e experiências e criar uma rede de empoderamento.

Para adentrar nesse debate, no primeiro capítulo, serão utilizadas como referenciais teóricos, feministas e intelectuais negras, como Lélia Gonzalez, Conceição Evaristo, Grada Kilomba, Djamila Ribeiro, bell hooks, Angela Davis, entre outras. À luz das palavras dessas mulheres extremamente importantes, será tratado a trajetória da identificação racial e feminista da mulher negra. Para isso, será analisado o conceito de Escrivência, de Evaristo, para ressaltar a importância da fala da mulher negra, e também a forma como Kilomba coloca esse movimento de mulheres negras contarem suas realidades, de acordo com suas perspectivas e subjetividades, como um primeiro passo de formação de identidade como “sujeito”.

O segundo capítulo irá tratar sobre as problemáticas dos meios de comunicação tradicionais e o surgimento de novas formas de mídias, que tornaram a comunicação menos engessada e mais democrática. Essa parte irá traçar a trajetória dessas novas mídias e formas de interação, analisando cada processo, desde a criação da internet e suas motivações, os conceitos de ciberespaço e ciberativismo, pontuando a forma como essa nova maneira de ativismo foi recebida, quando foram criadas as redes sociais e o impacto que tiveram na interação entre as pessoas, e como a plataforma Youtube tem sido uma importante ferramenta para o ciberativismo.

Para exemplificar a parte teórica levantada por esse trabalho, o terceiro capítulo traz um estudo de caso de três canais no Youtube de mulheres negras com bastante relevância na internet e nos movimentos negro, feminista e antirracista. Através dos canais De Pretas, de Gabriela Oliveira, Afros e Afins, de Nátaly Neri, e o canal de Ana Paula Xongani, será analisado como mulheres negras têm utilizado essa nova mídia como forma de ciberativismo, ao compartilhar pautas que envolvem mulheres negras, como representatividade, solidão da mulher negra, estereótipos, colorismo, estética negra, entre outros.

Além disso, ao abordar os canais de forma individual, o capítulo irá observar como essas youtubers, além de usar o espaço virtual para falar sobre questões sociais, utilizam também como forma de contarem suas histórias, seus gostos, suas preferências e particularidades. Por meio de uma análise quanti-qualitativa, serão investigados os números e

o alcance dos canais, além dos principais comentários em vídeos populares e com temas relevantes, e o impacto causado nas pessoas que os assistem.

Para além de analisar todos os fatores descritos acima, este trabalho é importante para trazer mais debate e referencial teórico a respeito de questões que envolvem a vivência da mulher negra. O grande déficit de representação negra e feminina como agentes de sua história e vivências se dá não só nas mídias de comunicação, mas também no ambiente acadêmico. Esse estudo tem como objetivo também tornar essa carência um pouco menor, com um trabalho sobre mulheres negras e feito por uma mulher negra que será inserido, analisado, avaliado e catalogado em um ambiente com presença majoritariamente branco e masculino. Julgo esse um passo importante, assim como cada movimento que mulheres negras de diferentes classes, idades e regiões fazem para mudar esse sistema de opressão diariamente.

2 MULHER NEGRA E A POTÊNCIA NA FALA

Este capítulo irá tratar sobre a importância da mulher negra como protagonista e contadora da própria história. Em uma sociedade racista e machista, a voz preta e feminina é, por si só, um ato de revolução. O capítulo irá abordar as problemáticas referentes à construção da identidade negra no Brasil e a importância desse resgate estético e cultural. Em seguida, será discutido outro ponto importante para a vivência de uma mulher negra: as questões de gênero, a forma como tem sido apagada do movimento feminista desde o seu início e como ainda trava uma luta solitária na busca por seus direitos enquanto mulher.

Para reafirmar a relevância da mulher negra ocupar um local de protagonismo na luta contra desigualdade, racismo, sexismo e estereótipos que as rodeiam, serão trazidos ao texto conceitos importantes do feminismo negro para essa discussão. Para isso, serão utilizados como referencial teórico, em sua maioria, conceitos e estudos de intelectuais negras, como bell hooks, Patricia Hill Collins, Grada Kilomba, Lélia Gonzalez, Angela Davis, Conceição Evaristo e Djamila Ribeiro, entre outras. É importante tirar a mulher negra desse lugar passivo em que foi colocada por muito tempo, colocando-a em sua posição de direito: contadora de sua história e da história dos seus. Ou nas palavras de Kilomba (2012, p. 12 apud RIBEIRO, 2019, P. 15) “trazer à tona a realidade do racismo diário contado por mulheres negras baseado em suas subjetividades e próprias percepções”.

2.1 A construção da identidade negra no Brasil

A quebra com os padrões europeus tem se intensificado nos últimos anos. Cada vez mais corpos fora dessa estética branca e desse ideal de beleza imposto pela mídia hegemônica tem reivindicado seu espaço. O que antes era indubitavelmente visto como belo, como molde a ser seguido, como uma identidade única, hoje já não é mais uma verdade absoluta. Uma velha identidade unificada agora dá lugar a uma multiplicidade de formas de ser do indivíduo moderno (HALL, 2006).

Com isso, a necessidade pela busca de uma identificação tem crescido cada dia mais. E esse processo de reivindicação de uma identidade e representação é de extrema importância para se enxergar enquanto indivíduo e parte de um grupo social. A identidade de um sujeito

carrega consigo um grupo de referências, de características, que o definem individual e coletivamente. E a identificação com essas características leva-o ao reconhecimento de si e dos outros sujeitos ao mesmo tempo. De acordo com Muniz Sodré (1999), só é possível reconhecer a “si mesmo” reconhecendo o “outro”.

O processo de construção da identidade negra no Brasil desponta no final do século XIX, com o (teoricamente) fim do regime escravocrata. O povo negro, arrancado a força de suas terras, dominados, tratados como animais e objetos de exploração, passava a fazer parte de uma sociedade, como sujeitos e elementos da identidade brasileira. No entanto, não receberam nenhum suporte para serem socializados e para que a diferença discrepante de condições fossem minimizadas a fim de que tivessem alguma oportunidade de se manter e crescer enquanto cidadãos. Ao contrário disso, foram marginalizados e submetidos a subempregos.

Nesse contexto, diversos intelectuais brancos, firmados na ideia europeizada de que raças não brancas eram inferiores, viam na mestiçagem uma ameaça à identidade nacional (MUNANGA, 1999).

A pluralidade racial nascida do processo colonial representava, na cabeça dessa elite, uma ameaça e um grande obstáculo no caminho da construção de uma nação que se pensava branca, daí por que a raça tornou-se o eixo do grande debate nacional que se tratava a partir do fim do século XIX e que repercutiu até meados do século XX. (MUNANGA, 1999, p. 51)

A construção de sua identidade sempre foi um processo doloroso para a população negra. Segundo Neusa Santos Souza (1983), as relações raciais no Brasil eram formadas por três elementos: o contínuo de cor, a ideologia do embranquecimento e a democracia racial. O primeiro, caracterizava-se por uma linha que colocava o negro e o branco em extremos opostos, onde quanto mais próximo ao branco, maior a possibilidade de ser bem sucedido e aceito.

Diferente dos Estados Unidos, onde houve uma grande segregação, e da África do Sul, com o apartheid, aqui no Brasil existia uma falsa ideia de um país onde todas raças viviam em perfeita harmonia, um Brasil para todos. Essa falsa ideia de democracia racial, unida à ideologia do embranquecimento, transformava a imagem do negro como algo negativo, algo a se desvencilhar e um lugar de onde o negro deveria escapar se quisesse ascender socialmente (SOUZA, 1983, p. 22)

A pretensão eugenista, junto ao processo de miscigenação, fez com que muitos negros passassem a não se reconhecerem em nenhum grupo ao longo do tempo. Em seu artigo “A dor da cor”, Sueli Carneiro atribui à larga miscigenação a incapacidade da população negra de se auto classificar racialmente (CARNEIRO, 2011, p.63-65).

Nesse processo de tentativa de homogeneização da identidade racial brasileira, a elite branca via na mestiçagem uma forma de embranquecimento da população. Assim, da forma como se deu, desde os intercursos sexuais forçados entre brancos e negras escravizadas e a dificuldade de reconhecimento racial dos indivíduos nascidos desse processo, o projeto de mestiçagem no Brasil configura-se como uma tentativa de destruição da identidade negra. De acordo com o antropólogo Kabengele Munanga, “A mestiçagem tanto biológica quanto cultural teria entre outras consequências a destruição da identidade racial e étnica dos grupos dominados, ou seja, o etnocídio” (MUNANGA, 1999, p.110).

O processo de descolonização e identificação do indivíduo negro só é completo quando ele sai dessa posição de se ver como “outro (a)” e passa a se reconhecer como um “eu”, um sujeito, donos de sua própria história e fala (KILOMBA, 2019, p. 238)

2.2 Feminismo negro e interseccionalidade

A busca por identidade para a mulher negra vai além da questão racial. As questões de gênero também trazem um grande peso em sua formação identitária. Desde a escravização, mulheres negras sofrem com estereótipos, objetificação e hipersexualização. Quanto mais escuro seu tom de pele, mais sofrimento carregava (e carrega). Algumas eram levadas para a casa grande, domesticadas e usadas para limpar, cozinhar, acompanhar suas senhoras, cuidar dos filhos delas e servir sexualmente os senhores de engenho.

Ser mulher negra no Brasil é uma quebra constante de barreiras, estereótipos e padrões hegemônicos de uma sociedade que sempre prezou pela estética branca europeia. A mulher negra é duas vezes oprimida: pelo gênero e pela cor. Ela precisa se afirmar duas vezes - ou às vezes até mais - para ser reconhecida como pessoa. Enquanto o homem branco se afirma apenas como ser humano e a mulher branca, como mulher, a mulher negra precisa dessa dupla afirmação de si mesma. Ela nunca é, de início, uma pessoa. Ela ocupa sempre o papel de “outro do outro” (KILOMBA, 2019).

A insistência de mulheres negras auto definirem-se, auto avaliarem-se e a necessidade de uma análise centrada na mulher negra é significativa por duas razões: em primeiro lugar, definir e valorizar a consciência do próprio ponto de vista autodefinido frente a imagens que promovem uma autodefinição sob a forma de “outro” objetificado é uma forma importante de se resistir à desumanização essencial aos sistemas de dominação. O status de ser o “outro” implica ser o outro em relação a algo ou ser diferente da norma pressuposta de comportamento masculino branco. Nesse modelo, homens brancos poderosos definem-se como sujeitos, os verdadeiros atores, e classificam as pessoas de cor e as mulheres em termos de sua posição em relação a esse eixo branco masculino. (COLLINS, 2016, p. 105)

A imagem da mulher negra é sempre atrelada a estereótipos racistas e sexistas que são heranças do sistema escravocrata. Em “Racismo e sexismo na cultura brasileira”, Lélia Gonzalez (1984) fala sobre três estereótipos colocados sob a mulher negra: a mulata, a doméstica e a mãe preta. A mulata e a doméstica ocupam o mesmo corpo, mas são separadas uma da outra a depender da situação.

No contexto carnavalesco, a mulher negra é vista como a mulata, a deusa do samba, cheia de curvas e vista como objeto de desejo. Já a doméstica aparece servindo seus senhores, com a mesma função das negras escravizadas escolhidas para serem mucamas. Aqui ela é um objeto feito apenas para servir seus senhores. A mãe preta ocupa o lugar da mãe branca, que é apenas colocada como “a outra”, já que a mãe preta, “a bá”, cuida, dá banho, amamenta, troca as fraldas e lê histórias para dormir. Ela é a mãe (GONZALEZ, 1984, p. 235).

Desde o início do movimento feminista, mulheres negras foram invisibilizadas como figuras femininas que, assim como as mulheres brancas, deveriam ter seus direitos reivindicados. Ao contrário disso, enquanto as mulheres brancas - de classe alta e formadas -, insatisfeitas com suas posições de donas de casa, saíam em busca de direitos iguais, de algo a mais além do que a sociedade as impunham, mulheres negras ocuparam seus lugares de cuidadoras de suas casas e filhos.

Para mulheres negras, trabalhar fora nunca foi uma escolha, mas uma forma de sobrevivência. Os estudos e a chance de alcançar uma classe social elevada, fora de alcance. Além de precisar dar conta de seu sustento, afazeres domésticos e filhos, era sujeitada a cuidar também da casa e filhos de mulheres brancas, enquanto elas lutavam por um feminismo que não abraçava as não brancas, as mais vitimizadas pela opressão machista, agredidas todos os dias, mental, física e espiritualmente (hooks, 2015).

Para Gonzalez (1979), mulheres negras no Brasil eram invisibilizadas pelo movimento feminista. Enquanto mulheres brancas tratavam sobre questões individualistas, mulheres

negras pensavam no coletivo. Enquanto mulheres brancas lutavam pelo direito de trabalhar e votar, mulheres negras reivindicavam o direito de serem tratadas como pessoas. Aqui, é possível observar o conceito de “o outro do outro”, tratado por Kilomba. Na luta feminista, existiam apenas dois lados. O homem branco, o maior opressor da pirâmide social, e a mulher branca, que se colocava na luta apenas como mulher. E a mulher negra também não é uma mulher?

Em seu potente discurso “E não sou eu uma mulher?”, em 1851, na Convenção dos Direitos da Mulher, em Ohio, Sojourner Truth, mulher negra ex-escrava, deixou explícita a maneira como as mulheres negras não eram tratadas como mulheres e como o feminismo da época lutava apenas pelas mulheres brancas. Em sua fala, ela traz toda a ausência de cuidado e compaixão com as dores da mulher negra.

Aquele homem ali diz que é preciso ajudar as mulheres a subir numa carruagem, é preciso carregar elas quando atravessam um lamaçal e elas devem ocupar sempre os melhores lugares. nunca ninguém me ajuda a subir numa carruagem, a passar por cima da lama ou me cede o melhor lugar! e não sou uma mulher? olhem para mim! olhem para meu braço! eu capinei, eu plantei, juntei palha nos celeiros e homem nenhum conseguiu me superar! e não sou uma mulher? eu consegui trabalhar e comer tanto quanto um homem – quando tinha o que comer – e também aguentei as chicotadas! e não sou uma mulher? pari cinco filhos e a maioria deles foi vendida como escravos. quando manifestei minha dor de mãe, ninguém, a não ser Jesus, me ouviu! e não sou uma mulher? (TRUTH, 1851 apud RIBEIRO, 2018, p.51-52)

Para além das lutas por direitos, a mulher negra, além de invisibilizada, foi colocada ao longo da história em lugar de solidão. Um termo adequado é dororidade. Cunhado por Vilma Piedade (2017), a expressão diz muito sobre a solidão da mulher negra dentro do feminismo. Para ela, a sororidade¹ representa o apoio, união e irmandade entre as mulheres que impulsionam o movimento feminista (PIEADADE, 2017). Já a dororidade² representa “a fala silenciada, a dor causada pelo racismo”.

Sororidade une, irmana, mas Não basta para Nós - Mulheres Pretas, Jovens Pretas. Eu falo de um lugar marcado pela ausência. Pelo silêncio histórico. Pelo não lugar. Pela invisibilidade do Não Ser, sendo. Dororidade carrega no seu significado a dor provocada em todas as Mulheres pelo Machismo. Contudo, quando se trata de Nós,

¹ Sororidade, etimologicamente falando, vem de sóror - irmãs. (PIEADADE, 2017, p. 17)

² Dororidade vem de dor, palavra-sofrimento. Seja físico, moral ou emocional. (PIEADADE, 2017, p. 17)

Mulheres Pretas, tem um agravo nessa dor. A Pele Preta nos marca na escala inferior da sociedade. (PIEDADE, 2017, p. 17)

Somente entre os anos 1960 e 1980, mais de um século depois do discurso de Truth, o feminismo negro começa a tomar forma, graças a intelectuais negras que passaram a escrever sobre o tema, criando uma literatura feminista negra (RIBEIRO, 2018). No entanto, feministas brancas insistiam em tratar a luta das mulheres como algo universal. Falar que todas as mulheres são oprimidas é apagar todas as outras lutas de mulheres não brancas, como se classe, sexualidade, crença e raça não fossem relevantes. É dizer que apenas os problemas de mulheres brancas, cis e de classe média e alta importam.

O sexismo por si só, mesmo sendo um sistema de dominação, não é o único e determinante fator para uma mulher não branca ser oprimida. Mesmo que os problemas trazidos por mulheres brancas sejam relevantes e dignos, elas ainda possuem opções e direitos em uma sociedade racista, LGBTQIA+fóbica e capitalista. Ainda que essas opções e direitos não sejam as ideias. Questões de raça e classe geram diferenças no status social, no estilo e qualidade de vida, que prevalecem sobre a experiência que as mulheres compartilham (HOOKS, 2015).

É necessário considerar diferentes formas de opressão sofridas por mulheres com realidades, cores, classes sociais e sexualidades distintas e como essas opressões se cruzam, de forma a não excluir ou apagar nenhuma luta e nenhuma mulher. A interseccionalidade é importante para que não haja primazia de nenhuma opressão em relação a outra (RIBEIRO, 2018)

Raça é a maneira como a classe é vivida. Da mesma forma que gênero é a maneira como a classe é vivida. A gente precisa refletir bastante para perceber que entre essas categorias existem relações que são mútuas e outras que são cruzadas. Ninguém pode assumir a primazia de uma categoria sobre as outras (DAVIS, 2011).

O conceito de interseccionalidade é pensado por feministas negras cujas experiências e reivindicações intelectuais eram inobservadas tanto pelo feminismo branco quanto pelo movimento antirracista. Segundo Kimberlé Crenshaw, a interseccionalidade permite-nos enxergar o fracasso do feminismo em contemplar mulheres negras, já que reproduz o racismo, e do movimento negro pelo caráter machista (AKOTIRENE, 2019).

As mulheres negras são diversas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de sistemas de opressão da nossa sociedade cisheteropatriarcal branca e de base europeia. O feminismo negro tem um papel muito importante nessa luta contra esses sistemas que afetam mulheres de diferentes realidades. É urgente a prática de um feminismo contra-hegemônico, onde nenhuma mulher seja apagada ou excluída, e a quebra com a ideia de um feminismo global e de voz única. Como diria bell hooks:

É essencial para a continuação da luta feminista que as mulheres negras reconheçam o ponto de vista especial que a nossa marginalidade nos dá e façam uso dessa perspectiva para criticar a hegemonia racista, classista e sexista dominante e vislumbrar e criar uma contra-hegemonia. Estou sugerindo que temos um papel central a desempenhar na construção da teoria feminista e uma contribuição a oferecer que é única e valiosa. (HOOKS, 2015, p. 208)

2.3 Lugar de fala, Escrivência e protagonismo

O lugar de fala é um lugar de pertencimento. Falo desse lugar como Mulher Preta. Ativista. Feminista. Mas, também falo o lugar das minhas Ancestrais. Lugar marcado pela ausência histórica. Lugar-ausência designado pelo Racismo. (PIEIDADE, 2017)

Durante todo esse processo de busca de identidade, luta por seus direitos, condições precárias de vida, o que libertou de fato a mulher negra foi sua voz. Por muito tempo, mulheres negras viveram como Anastácias, com suas vozes silenciadas por máscaras de racismo e sexismo. A imagem da “Escrava Anastácia” virou um símbolo que nos lembra até hoje desse instrumento de tortura.

Feita de metal, com peças que eram introduzidas entre a língua e o maxilar e presa na cabeça, essa máscara de silenciamento fez parte do projeto colonial por mais de trezentos anos (KILOMBA, 2019, p. 33). Na teoria, era usada para impedir que os negros e negras escravizados comessem os alimentos que eram colhidos nas plantações. Mas, na prática, ela era usada para calar a voz do povo negro e impedir que falassem o que os brancos não queriam ouvir (KILOMBA, 2019).

Falar, então, é um ato político. É sair da posição de dominada, torturada, objetificada, estudada, analisada, criticada, e todos os outros lugares que a sociedade sempre tentou aprisionar a mulher negra. É passar da condição de objeto para a condição de sujeito da

própria história. Kilomba define o ato de escrever como uma forma de descolonização e de tornar-se sujeito. Quando o indivíduo começa a falar por si, ele sai da condição de objeto e passa para a condição de sujeito, se torna dono de sua realidade, capaz de formar sua identidade e contar sua própria história.

No entanto, é importante frisar que esse silêncio em relação ao povo negro não significa uma ausência de fala. Os negros não estavam calados, mas suas vozes estavam suprimidas e silenciadas. E há muito tempo a mulher negra tem sido silenciada. Porque ela sempre falou, mas tem sido sistematicamente ignorada. Suas opiniões, reivindicações e crenças, desqualificadas. Colocada na base da pirâmide social, ela não tem poder nem sobre si mesma, nem sobre sua voz.

Ora, na medida em que nós negros estamos na lata de lixo da sociedade brasileira, pois assim o determina a lógica da dominação, caberia uma indagação via psicanálise. E justamente a partir da alternativa proposta por Miller, ou seja: por que o negro é isso que a lógica da dominação tenta (e consegue muitas vezes, nós o sabemos) domesticar? E o risco que assumimos aqui é o do ato de falar com todas as implicações. Exatamente porque temos sido falados, infantilizados (infans, é aquele que não tem fala própria, é a criança que se fala na terceira pessoa, porque falada pelos adultos), que neste trabalho assumimos nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar, e numa boa. (GONZALEZ, 1984, p. 225)

Se desvencilhar desse passado silencioso é um grande passo para sua liberdade e para romper com esses padrões de opressão. É o que diz o conceito de Escrivivência, de Conceição Evaristo. Para a autora, Escrivivência é, antes de tudo, “um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças” (EVARISTO, 2020, p.30).

Tanto a escrita quanto a fala da mulher negra, então, a liberta das diversas formas de opressões que a aprisionam, além de iniciar uma revolução, tamanha a potência de sua voz. Como Sojourner Truth, que antes mesmo de iniciar o movimento feminista negro, com seu discurso potente trouxe inquietude e verdade em sua fala. Como as intelectuais negras que a sucederam e formaram uma literatura que ajuda as mulheres negras de hoje a não cair em novas armadilhas do racismo e do sexismo.

Escrevivência traz à mulher negra toda a autoridade sobre sua história e sua identidade. Carrega suas vivências, suas marcas e cicatrizes, suas experiências únicas. Carrega também sua potência, sua individualidade dentro da multiplicidade que é ser uma mulher negra, seu orgulho de ser quem é e o respeito e reverência por aquelas que vieram antes.

E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. Potência de voz, de criação, de engenhosidade que a casa-grande soube escravizar para o deleite de seus filhos. E se a voz de nossas ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não. Por isso, afirmo: “a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos”. (EVARISTO, 2020, p. 30)

3 CIBERATIVISMO DA MULHER NEGRA NO YOUTUBE

Esse capítulo busca compreender as novas formas de comunicação no mundo globalizado e como o avanço tecnológico propiciou novas interações sociais. Serão abordados os conceitos de cibercultura e ciberativismo e como esse processo foi decisivo para a expansão da luta contra diferentes formas de opressão, dando espaço para que pessoas fora do padrão tivessem, enfim, um lugar para expor suas opiniões e vivências fora das mídias tradicionais e homogêneas.

Será abordado ainda como as redes sociais têm se tornado uma importante extensão de um ativismo que já acontece há muito tempo fora da internet e serviu como forma de expansão da luta, já que não é limitada pelo tempo e espaço. Para isso, será analisada a plataforma Youtube e a sua importância nesse processo de dar visibilidade à vozes oprimidas e como a rede social tem sido importante para o feminismo negro.

3.1 Novas formas de comunicação e o ciberativismo

Com o avanço das tecnologias e a criação de novos meios de comunicação, a informação tornou-se muito mais democrática, fácil de ser compartilhada e recebida. Nos meios de comunicação tradicionais, a linguagem era unilateral. Apenas um lado falava enquanto o outro era um receptor que não tinha um lugar de resposta. Não era um receptor passivo, pois sempre houveram movimentos de fala para além dos principais veículos de comunicação. Mas não existia um diálogo e um espaço, de fato, na grande mídia.

Já nessa época, eram produzidos conteúdos impressos de grande importância, como a coluna de Lélia Gonzalez no jornal Mulherio, na década de 80, e a coluna de Sueli Carneiro no Correio Braziliense, nos anos 2000, que depois veio dar origem ao Portal Geledés. Todo esse movimento inicial abriu portas para o espaço que temos hoje. No entanto, o déficit de representatividade na mídia tradicional ainda era muito grande, com um mesmo padrão hegemônico de estética e de pautas decididas pelas mesmas pessoas.

Havia, então, uma necessidade por parte dos indivíduos, principalmente daqueles fora desse padrão homogêneo, de ter um espaço para compartilhar conhecimento, falar sobre suas vivências, criar pautas que realmente os interessassem e expor o que não agradava e que não era transmitido nas formas tradicionais de comunicação.

A Internet conseguiu suprir essa necessidade. Como pontuou o autor Manuel Castells (2001, p. 8), “a Internet é um meio de comunicação que permite, pela primeira vez, a comunicação de muitos com muitos, num momento escolhido, em escala global”. No entanto, ela foi criada para fins totalmente diferentes.

Durante a década de 60, no contexto da Guerra Fria, o governo dos Estados Unidos buscava uma forma de reação à ameaça do Projeto Sputnik, da antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Militares norte-americanos trabalhavam no desenvolvimento de um recurso tecnológico para competir pela dominação mundial contra sua rival URSS. Com isso, foi criada a Arpanet, uma rede da Agência de Investigação de Projetos Avançados - no inglês, Advanced Research Projects Agency (ARPA) - dos Estados Unidos (ABREU 2009, p. 2).

A ARPA foi formada em 1958 pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos com a missão de mobilizar recursos de pesquisa, particularmente do ambiente universitário. O objetivo da criação da Arpanet era permitir “aos vários centros de computadores e grupos de pesquisa que trabalhavam para a agência compartilhar *online* tempo de computação” (CASTELLS, 2001). Somente em fevereiro de 1990 a Arpanet, já tecnologicamente obsoleta, foi retirada de operação, abrindo espaço para a internet e a libertando de seu ambiente militar.

A partir da década de 90, com o avanço da internet como meio de comunicação, o mundo cada vez mais globalizado e o crescimento da cibercultura, a troca de informações e interações sociais ficaram muito mais fáceis. E, com isso, novos canais de comunicação foram criados. Diferente dos meios de comunicação tradicionais, como televisão, rádio, jornais e revistas, a internet trouxe facilidade, velocidade, interatividade e transformou a comunicação, tornando-a bilateral, com um receptor ativo.

Junto aos avanços na comunicação, a cibercultura parece ter se consolidado como possibilidade para mudar esse cenário. Lemos define a cibercultura como uma forma sociocultural que emerge da relação entre a sociedade, a cultura e as novas tecnologias que surgiram com a convergência das telecomunicações com a informática na década de 70 (LEMOS, 2003).

A cibercultura é a cultura contemporânea marcada pelas tecnologias digitais. Vivemos já a cibercultura. Ela não é o futuro que vai chegar, mas o nosso presente (home banking, cartões inteligentes, celulares, palms, pages, voto eletrônico, imposto de renda via rede, entre outros). Trata-se assim de escapar, seja de um

determinismo técnico, seja de um determinismo social. A cibercultura representa a cultura contemporânea sendo consequência direta da evolução da cultura técnica moderna. (LEMOS, 2003)

Com isso, o ciberespaço veio para dar lugar às vozes que não eram ouvidas e para expandir a comunicação no mundo e passou a ser ocupado por sujeitos heterogêneos e múltiplos, dissonantes e multifacetados, portadores de mecanismos de mobilização também múltiplos (GAJANIGO; SOUZA, 2014 apud QUEIROZ, 2017).

O ciberespaço (que também chamarei de "rede") é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. (LÉVY, 1999, p. 22)

Sites, blogs e redes sociais propiciaram às pessoas uma troca maior de ideias, sejam elas políticas, ambientais, intelectuais ou econômicas (QUEIROZ, 2017). Para Castells (2013), no contexto de ativismo, "as redes sociais digitais baseadas na internet e nas plataformas sem fio são ferramentas decisivas para mobilizar, organizar, deliberar, coordenar e decidir" e acabam servindo como forma de inspiração para novos movimentos, em diferentes épocas ou lugares.

Os movimentos são simultaneamente locais e globais. Começam em contextos específicos, por motivos próprios, constituem suas próprias redes e constroem seu espaço público ao ocupar o espaço urbano e se conectar as redes da internet. Mas também são globais, pois estão conectados com o mundo inteiro, aprendem com outras experiências e, de fato, muitas vezes são estimulados por essas experiências a se envolver em sua própria mobilização (CASTELLS, 2013, p. 130 apud VIANA, 2019, p. 73).

Assim, ativistas ganharam um lugar fora das ruas e ilimitado para manifestações das mais variadas formas. As pessoas que não tinham oportunidade para falar, podiam agora fazer isso livremente e ser ouvida por quem quisesse. O ciberativismo veio para que barreiras na comunicação fossem quebradas e a luta contra sistemas de opressão fossem amplificadas.

Logo no início da expansão da internet, o ciberativismo já se mostrava forte. E o feminismo também ganhou grande força nesse espaço cheio de possibilidades inexploradas. Donna Haraway, uma das primeiras representantes do ciberfeminismo, fala sobre a figura do Ciborgue como um fruto desse lugar mais democrático e livre que é o ciberespaço, onde não haveria diferenças de gênero ou raça (VIANA, 2019). Ela o define como um ser pós-gênero, possibilitando uma reflexão sobre as construções heteronormativas a respeito de gênero binário (masculino e feminino) e abrindo espaço para outros seres e subjetividades serem criadas a partir desse lugar livre (VIANA, 2019).

Haraway também criticou a forma como feministas radicais tratavam “ser mulher” como algo universal, ignorando a diversidade de identidades entre mulheres, algo muito discutido no feminismo negro como falado no capítulo anterior, a respeito da importância da interseccionalidade. Para Haraway (1995, p. 21 apud VIANA, 2019) “a objetividade feminista trata da localização limitada e do conhecimento localizado, não da transcendência e da divisão entre sujeito e objeto”.

Embora receba algumas críticas sobre o comodismo ou sua real eficácia, ao ser tratado por “ativismo de sofá”, o ciberativismo tem ampliado pautas importantes que até hoje não foram tratadas da forma que merecem na mídia tradicional. É importante entender o ciberativismo não como um substituto do ativismo de rua, já que essa luta já vem sendo travada há anos por grandes ativistas, mas como um ampliador de conhecimento e de comunicação, além de servir de estímulo e inspiração para que mais pessoas se engajem em pautas sobre questões sociais.

O ciberativismo é a uma forma de ativismo através da internet, ainda que seja necessária a existência do ativismo real. Utilizado, principalmente, por grupos politicamente ativos, essa forma de ativismo é realizada com a intenção de divulgar e abrir espaços para determinadas causas e possíveis discussões sobre os assuntos. Além disso, aqueles que utilizam dessa prática acreditam que essa seja uma alternativa aos meios de comunicação em massa tradicionais. (RESENDE et al., 2015, p. 3).

3.2 Ciberativismo nas redes sociais: o Youtube como lugar de visibilidade

Na mesma época em que o uso da internet se popularizou, na década de 90, começaram a surgir as primeiras redes sociais. Junto à facilidade de comunicação que a internet trouxe, as redes sociais ampliaram ainda mais as interações coletivas. Em seus perfis, as pessoas poderiam se conectar a hora que quisessem com pessoas de seu ciclo social ou conhecer novas pessoas, trocar experiências, se expressar e compartilhar qualquer coisa, em qualquer horário e do lugar que quisessem.

De acordo com Viana (2019), a necessidade urgente de uma discussão sobre questões identitárias que englobasse raça, gênero e classe, por exemplo, encontrou nas redes sociais um espaço que talvez pudesse revolucionar as novas formas de ativismo. Com essa facilidade em se conectar com várias pessoas ao mesmo tempo, o ativismo digital poderia ser feito de forma mais abrangente e alcançar um maior número de pessoas.

Para Boyd e Ellison (2007 apud QUEIROZ, 2017), as redes sociais possuem três características básicas: a construção um perfil público ou semi-público, a articulação desse perfil público com uma lista de perfis de outros usuários com os quais compartilham conexões e o acesso e exploração dessas listas de conexões e as de outros indivíduos inseridos no mesmo sistema.

A primeira rede social criada foi a *Six Degrees*, fundada por Andrew Weinreich em maio de 1996 e lançada em 1997, sendo o primeiro *site* da *web* a se definir, de fato, como *social network*. A rede social chegou a atingir 3,5 milhões de cadastros. No entanto, a internet ainda não era tão acessível para o público em geral, o que fez com que a interação de muitos ciclos de amizade fossem restringidos.

Além disso, com uma conexão ainda lenta, alguns recursos do *site* não funcionaram da maneira esperada. Fotos de perfis e compartilhadas não conseguiam ser carregadas pois não havia um suporte adequado. Também não era possível a troca de áudio ou vídeo. Nos anos 2000 a rede social foi encerrada. Muitas outras plataformas de interação social foram criadas na sequência, como Orkut, MySpace, Fotolog, Facebook, Twitter, entre outras. No Brasil, o Orkut foi a primeira rede social de grande relevância, criada em 2004, pelo engenheiro de software turco Orkut Büyükkökten.

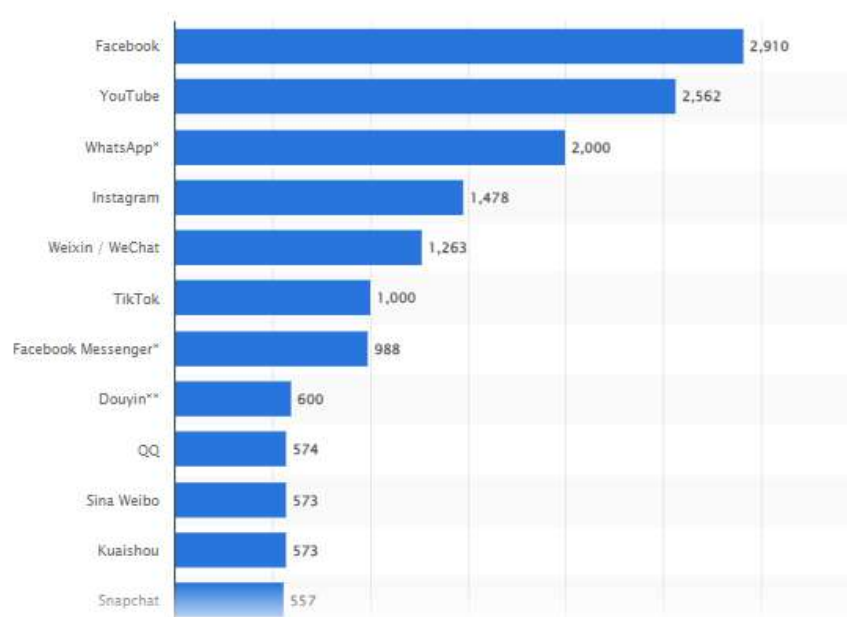
No ano seguinte, em 2005, foi lançado o Youtube. Fundado por Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim, o site possuía uma interface simples e possibilitava ao usuário fazer *uploads*, publicar e assistir vídeos de forma ilimitada. Também era possível se conectar com

outras pessoas, gerar URLs e HTMLs que permitiam aos usuários incorporarem os vídeos da plataforma em outros *sites* e *blogs*.

Embora o Youtube tenha começado de forma simples, em um escritório em cima de uma pizzaria (BURGEES; GREEN, 2009), a rede social sempre foi considerada promissora. Em apenas um ano, o site já tinha 65 mil vídeos e 100 milhões de visualizações diárias. Já em 2006, a plataforma foi comprada pelo Google em uma transação de 1,65 bilhão de dólares.

Após isso, o site passou a ser um dos mais acessados em vários países, ocupando lugar entre os dez mais visitados no mundo. Em 2008, o YouTube já hospedava em torno de 85 milhões de vídeos. Hoje, com mais de 1,9 bilhão de usuários ativos, o Youtube é a segunda rede social mais acessada no mundo, ficando atrás apenas do Facebook.

Figura 1: Ranking das redes sociais mais utilizadas no mundo



Fonte: Statista

A plataforma tem sido o maior lugar de visibilidade e representatividade de minorias fora das mídias tradicionais. Com um slogan bastante significativo “Broadcast Yourself” (que pode ser entendido como "Transmita-se", a plataforma assumiu esse lugar de influência, representatividade e visibilidade. "O YouTube tem seu lugar dentro da longa história e do futuro incerto das mudanças da mídia, das políticas de participação cultural e no crescimento do conhecimento” (BURGESS; GREEN, 2009, p.32).

O Youtube não é somente mais uma empresa de mídia e não é somente uma plataforma de conteúdo criado por usuários. É mais proveitoso entender o Youtube (a empresa e a estrutura de site que fornece) como ocupante de uma função institucional – atuando como um mecanismo de coordenação entre a criatividade individual e coletiva e a produção de significado; e como um mediador entre vários discursos voltados para a audiência ou o usuário (BURGESS; GREEN, 2009, p. 60 apud VIANA, 2019).

3.3 Youtubers negras e lugar de fala

O Youtube abriu uma grande porta para uma pluralidade de temas e indivíduos serem expressados e se expressarem de forma livre e sem censuras ideológicas das mídias tradicionais. Indivíduos que não se viam na televisão, não ouviam suas histórias no rádio, não eram retratados de forma positiva nas revistas e jornais, encontraram nessa plataforma um meio de falarem e, enfim, serem ouvidos.

As mulheres negras, que ocupavam sempre um lugar estereotipado em novelas e revistas, com o Youtube, puderam se colocar enquanto pessoas subjetivas, múltiplas e potentes. Além disso, o site influenciou positivamente para a valorização da estética negra e no orgulho pelos traços e pela cultura negra por parte de mulheres que estavam acostumadas a verem apenas figuras de mulheres brancas e loiras como ideal de beleza.

Um grande fenômeno que é possível identificar no Youtube é o da transição capilar. Várias youtubers negras ao longo dos últimos anos tem propagado a aceitação do cabelo crespo e cacheado e a valorização da imagem da mulher negra. Com isso, jovens mulheres negras, que passaram anos alisando seus cabelos para tentar se encaixar no padrão imposto pela mídia, jovens que tinham como referencial de beleza apenas mulheres loiras, cabelos lisos e traços finos, começaram a olhar seus traços negróides com mais carinho, levantando a bandeira da aceitação e do orgulho por sua herança africana.

A tentativa de apagamento da identidade negra e de transformá-la em algo pejorativo, a ser “embranquecido”, vem sendo frustrada com esses novos movimentos de aceitação e empoderamento nas redes sociais. O ativismo digital da mulher negra perpassa por pautas do feminismo negro, pela valorização de sua identidade através da representatividade e

empoderamento, pela disseminação de informação a respeito dessas pautas e por sua fala e narração de sua história, que, por si só, já é uma forma de revolução.

Ao longo da história, a mulher negra nunca pode protagonizar e contar sua história de forma ampla e verdadeira para um grande público. Na televisão e no cinema, historicamente, pessoas brancas sempre escolheram o lugar que os negros iam ocupar, lugar esses geralmente estereotipados e nunca com um destaque positivo.

A mídia tradicional não forneceu a mulheres negras a possibilidade de serem vistas como referencial de intelectualidade, como referencial de beleza - não como a “mulata”, mas com seus cabelos crespos, narizes e bocas grandes ou pele escura. Não deu oportunidade para serem protagonistas, com histórias que não fossem marcadas por hipersexualização ou condição de subserviência, condição essa que não é uma depreciação. A questão aqui é: porque a mulher negra nunca pôde estar do outro lado, o lado do poder? E se a justificativa para isso é que esses personagens são o retrato da realidade, como essa desigualdade continua sendo romantizada?

Crianças, adolescentes e jovens negras, crescem sem saber como cuidar de seus cabelos cacheados e crespos, tendo como única solução para se sentir bonita, o liso que veem na televisão. Se desenvolvem sem ter referências em posições de poder, nas ciências, sem ver mulheres com os mesmos traços que elas como intelectuais, médicas, advogadas. Sofrem com falta de representatividade. Crescem achando que o único lugar que podem alcançar profissionalmente são cargos de servidão, como a herança escravocrata insiste em colocar como o lugar da mulher negra. As mulheres negras estão na base da sociedade. Sofrem com falta de oportunidade, de escolaridade, de renda, e de assistência médica.

Da população negra, aproximadamente a metade é composta de mulheres. As mulheres negras são mais de 41 milhões de pessoas, o que representa 23,4% do total da população brasileira. São estas que sofrem com o fenômeno da dupla discriminação, ou seja, estão sujeitas a “múltiplas formas de discriminação social (...), em consequência da conjugação perversa do racismo e do sexismo, as quais resultam em uma espécie de asfixia social com desdobramentos negativos sobre todas as dimensões da vida”. (IPEA, 2003)

O trabalho que youtubers negras fazem em suas redes sociais é extremamente importante para a valorização e empoderamento de mulheres negras. Seus vídeos ajudam

essas mulheres a se olharem com mais carinho e respeito, a reconhecerem seu potencial, a aprenderem sobre as estruturas de opressão e se armarem para lutar contra esses sistemas. Além disso, mudam o olhar da sociedade em relação à mulher negra. Aos poucos, os estigmas vão sendo quebrados.

Em seu livro *O que é empoderamento?* da coleção Feminismos Plurais, coordenado pela filósofa Djamila Ribeiro, a autora Joice Berth ressalta a importância do empoderamento como forma de resgatar a identidade que foi esmagada pelo racismo.

Seguimos a partir daí e ao longo da História, em um mergulho profundo e quase irreversível em um estado de alienação a respeito de nós mesmos e de nossa autoimagem. As consequências desse mergulho foram sendo passadas de geração para geração, até chegarmos aqui, nesse momento histórico em que pessoas negras, que estudam e refletem para atuar na esfera da formação de saberes, começam a se confrontar com as distorções em todos os níveis em que foram largamente alimentadas. Porém, não à custa de um mergulho profundo em si mesmo, mas na busca interior por suas raízes culturais, emocionais, artísticas, afetivas etc. Um resgate, é exatamente essa a palavra. Um resgate lento e gradual daquilo que fomos e que podemos retomar para continuar sendo. (BERTH, 2019)

Além de empoderar estética e intelectualmente, youtubers negras inspiram outras mulheres negras a falarem também. Com seus canais, elas instigam outras mulheres a usarem o ciberespaço para contar suas histórias e fazer de suas vozes um instrumento de combate à tentativa constante de apagamento da mulher negra. Na última década, milhares de canais foram criados com os mais variados temas envolvendo pautas raciais, canais de mulheres negras que falam sobre diversos temas, como estética, finanças, jogos, estilo de vida, entre outros.

3.4 Algoritmo da opressão e racismo virtual

Apesar de ter surgido como um espaço que possibilitou uma maior comunicação e interação, cheio de facilidades e liberdade para pessoas inviabilizadas poderem se expressar, é necessário pontuar algumas questões negativas, não só do Youtube mas do ambiente virtual de um modo geral, que merecem atenção.

Assim como a mulher negra encontrou dificuldades para inserir sua fala no movimento feminista e na sociedade como um todo, no campo virtual não seria diferente. Ao abarcar uma gama variada de pessoas, as redes sociais levam consigo todas as falhas e preconceitos desses indivíduos. Como o virtual funciona como uma espécie de simulacro do mundo real, o racismo, a misoginia, a transfobia e todos os outros sistemas de opressão também estão inseridos nas redes.

Considerando que a imagem dos sujeitos negros por muitos anos – e ainda atualmente – esteve relacionada a aspectos negativos, como suas imagens e as representações de suas vivências na mídia, através de estereótipos e imagens de controle, por exemplo, esses sujeitos ainda enfrentam dificuldades de se estabelecerem nesse novo mercado. (VIANA, 2019)

Mesmo com todo o lado positivo que esse trabalho agrega na vida de mulheres negras que trabalham com a internet, mudando não apenas a realidade das mesmas, com uma nova possibilidade de renda e carreira, mas também com as vidas que elas impactam através de uma influência positiva - que não é regra para todas as profissionais do meio -, existe o lado negativo dessa nova profissão. Diariamente youtubers negras sofrem com ataques racistas e sexistas, a respeito de suas falas, de sua aparência, do modo como vivem, de suas escolhas e orientações.

Para exemplificar, as imagens abaixo mostram alguns dos comentários racistas recebidos pela youtuber Gabriela Oliveira - mais conhecida como Gabi de Pretas-, do canal De Pretas, uma das criadoras de conteúdo que será abordada no próximo capítulo. Em vídeo publicado em seu canal em 17 de outubro de 2017, intitulado “Respondendo haters”, Gabi mostra alguns dos comentários que recebe em seu canal no Youtube, em sua maioria racistas.

No vídeo, ela fala sobre a chegada de novos seguidores fora de seu ciclo - ou que ela chama fora de sua “bolha” -, após a repercussão de um vídeo seu analisando uma linha de base da marca de cosméticos Vult, criticando a pouca variedade de tons para a pele negra, principalmente a mais escura. A grande quantidade de visualizações e alcance do vídeo trouxe ao canal de Gabi pessoas fora do seu nicho que são pessoas negras.

Figura 2: Gabi de Pretas respondendo a comentários racistas



Fonte: Youtube (2017)

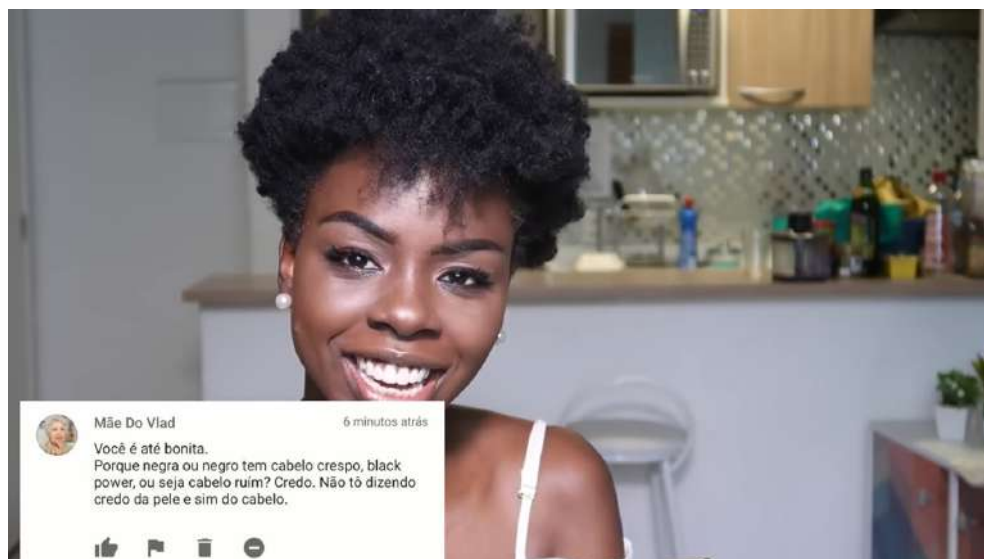
Figura 3: Gabi de Pretas respondendo a comentários racistas



Fonte: Youtube (2017)

Figura 4: Gabi de Pretas respondendo a comentários racistas³

³ O vídeo referente às figuras 2, 3 e 4 está disponível no canal De Pretas, no Youtube <<https://www.youtube.com/watch?v=70gkoUMsaqç>>



Fonte: Youtube (2017)

No mundo virtual o racismo não se manifesta apenas através de comentários de usuários. A Inteligência Artificial (IA) também tem apresentado falhas ao perpetuar padrões racistas em ferramentas de pesquisa e identificação de imagens. Por mais que os algoritmos tenham sido criados para executar tarefas de forma sistemática e sem necessidade de intervenção humana, como forma de facilitar o uso da internet, existem pessoas por trás de cada decisão para o funcionamento de um sistema. Os algoritmos são criados por programadores que, em sua maioria, são homens brancos, assim como nas mídias tradicionais. As falhas que vem se repetindo mostram como a IA não é neutra em suas análises e carrega consigo todas as problemáticas sociais.

Segundo Larissa Santiago (2019), coordenadora do site *Blogueiras Negras*, tecnologias baseadas em uma sociedade racista são necessariamente racistas. Em um podcast⁴ sobre tecnologia, onde abordou tais falhas em algoritmos, ao citar a autora Simone Browne, Santiago fala que “a vigilância sempre foi usada para punir os corpos que já são historicamente oprimidos”. De acordo com ela, Browne usa como exemplo máximo dessa vigilância racista os navios negreiros. “Todo aparato tecnológico para vigilância, vigiará os corpos que já são historicamente oprimidos”.

⁴ Entrevista de Larissa Santiago ao podcast *Tecnopolítica*, disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=Gt97Ld-VsAc>>

As ações tomadas por usuários também interferem no comportamento da tecnologia, como aponta matéria do *site* AzMina. De acordo com a reportagem⁵ sobre algoritmo racista, que contou com entrevista de algumas criadoras de conteúdo negras, se muitas pessoas buscam no Google por “cabelo ruim” e clicam em fotos de cabelos afro no resultado, o buscador vai entender que essa é a resposta mais “correta” e vai passar a mostrar mais desse resultado, que é racista. É o chamado *machine learning* (aprendizado de máquina).

A reportagem traz ainda o posicionamento da pesquisadora e *hacker* antirracista Nina da Hora. Ela defende que é necessário “pensar o ambiente digital não como algo novo, mas como continuidade e extensão da realidade que já vivemos no mundo físico”, e que cabe às plataformas digitais pensar em uma solução para esse problema.

Diversos casos têm repercutido nas redes sociais nos últimos anos a respeito dessas falhas em ferramentas do Google. Um deles é o caso da busca do Google Imagens, onde, ao ser pesquisado “tranças feias”, aparecem imagens de tranças afros em mulheres negras e quando pesquisado por “tranças bonitas”, aparecem imagens de tranças em cabelos lisos de mulheres brancas. Outro caso de racismo algoritmo que repercutiu foi o do Google Fotos, onde a ferramenta de identificação facial confundiu um casal negro com gorilas.

Figura 5: busca do Google por tranças feias x tranças bonitas



Fonte: Veja São Paulo⁶

⁵ Reportagem “O algoritmo racista que lute” do site Az Mina, disponível em <<https://azmina.com.br/reportagens/o-algoritmo-racista-que-lute/>>

⁶ Reportagem “Busca sobre tranças no Google abre debate sobre racismo”, disponível em <<https://vejasp.abril.com.br/coluna/pop/trancas-busca-feio-bonito-racismo/>>

Figura 6: identificação facial do Google Fotos confunde casal negro com gorilas



Fonte: BBC⁷

No entanto, apesar dessas questões precisarem ser resolvidas com urgência, já que a internet tem se mostrado o futuro da comunicação, o lugar onde os jovens buscam informação e entretenimento, ainda se mostra o lugar com maior possibilidade de expressão para a mulher negra dentre as opções. É preciso descologinar esse meio, mas, como ele é um espelho da sociedade, a luta dentro e fora do virtual é simultânea.

⁷ Reportagem "Google pide perdón por confundir a una pareja negra con gorilas disponível em <https://www.bbc.com/mundo/noticias/2015/07/150702_tecnologia_google_perdon_confundir_afroamericanos_gorilas_lv>

4 “VOCÊ ESTÁ PREPARADO PARA VER POTÊNCIA EM UMA MULHER PRETA?”

Com o intuito de reafirmar a importância de corpos heterogêneos ocuparem as novas plataformas de comunicação e se libertarem das amarras da mídia tradicional, este capítulo fará um mapeamento e análise de cinco canais de mulheres negras no Youtube. Os perfis que serão abordados tratam sobre diversos temas relacionados à questão de gênero e raça, assuntos que englobam a vivência feminina e negra, entre outros conteúdos variados, que mostram a diversidade que é ser uma mulher negra, a importância de sua voz para empoderar outras mulheres negras e como esse ciberativismo tem educado jovens com pautas relevantes referentes a questões sociais.

Após tratar sobre feminismo negro e abordar os conceitos de empoderamento, interseccionalidade, o intuito deste capítulo é mostrar como isso tudo se aplica na prática. Veremos como o trabalho dessas mulheres, que tomaram iniciativa de assumirem esse papel de destaque e de abordarem temas que a mídia tradicional não aborda, tem causado impacto na sociedade. Como, ao se colocarem nesse lugar de destaque, usando suas vozes e expondo suas histórias, as youtubers negras têm causado grande mudança, mexendo com a estrutura de um sistema racista e machista que há muito tempo estava em sua zona de conforto, mantendo-as caladas. Como Angela Davis pontuou sabiamente, "quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela, porque tudo é desestabilizado a partir da base da pirâmide social onde se encontram as mulheres negras, muda-se a base do capitalismo".

Os canais a serem analisados são: De Pretas, de Gabriela Oliveira, Afros e Afins, de Náataly Neri, e Ana Paula Xongani, que leva o nome da mesma - e a dona da frase que dá nome a este capítulo. A escolha dos canais foi feita com base em uma lista de canais de youtubers negras que estão empoderando mulheres, produzido pelo portal Geledés⁸ - Instituto da Mulher Negra - fundado pela escritora Sueli Carneiro. As youtubers escolhidas são também participantes do grupo de criadores brasileiros do #FundoVozesNegras do YouTube de 2021⁹. A iniciativa do site tem como objetivo “apresentar narrativas inovadoras que enfatizem o poder intelectual, autenticidade, dignidade e alegria das vozes negras, bem como

⁸ Disponível em:

<https://www.geledes.org.br/12-youtubers-negras-que-estao-empoderando-mulheres-na-internet/>

⁹ Disponível no blog do [Youtube](#).

educar o público sobre a justiça racial”, além de fornecer recursos para que 35 brasileiros possam investir na produção de conteúdo em seus canais.

4.1 De Pretas e para pretas

Gabriela Oliveira - ou Gabi de Pretas como é mais conhecida - é uma comunicadora social, formada em Relações Públicas pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), criadora de conteúdo para internet, mãe de duas crianças e *podcaster*. Com 31 anos, a youtuber de Niterói, no Rio de Janeiro, conta com 663 mil inscritos em seu canal De Pretas¹⁰, criado em 19 de julho de 2015, que possui mais de 25,5 milhões de visualizações.

Como diz na descrição de seu canal, Gabi faz parte do programa do Google *Creators For Change* - Criados Pela Mudança -, um projeto global que reúne, em uma série de vídeos sobre questões sociais, alguns dos principais criadores de conteúdo, cujos canais do Youtube são engajados em causas sociais e ajudam a quebrar paradigmas e preconceitos. Gabi é também parceira-colaboradora da Avaaz na luta contra a desinformação no Brasil e colaboradora de uma das campanhas da ONU Brasil.

A youtuber já palestrou no *Brazil Conference* na Universidade de Harvard, pontuando a importância do ativismo digital, e no TEDx¹¹, com palestra intitulada “Um novo olhar sobre a pessoa negra; novas narrativas importam”, onde abordou estereótipos que sempre estiveram sobre as pessoas negras e como elas sempre foram representadas na mídia tradicional.

Mulher negra de pele escura, cabelo crespo e traços negróides marcantes, Gabi tem se tornado um referencial de beleza para jovens como elas que se viam feias por conta dos padrões de beleza. Um dos vídeos mais vistos de seu canal é “Tour pelo meu rosto”¹², que fez parte de uma tendência de vídeos da época em que mulheres faziam um “tour pelo corpo” e mostravam partes que lhes causavam mais insegurança. Gabi mostrou detalhes de seu rosto que são traços marcantes de sua herança africana e como cada uma das características mostradas sempre foi visto de forma pejorativa pela sociedade, ou, como afirma na capa do vídeo “os traços que ninguém quer ter”. Tanto a tendência de vídeos de análise dos próprios corpos por produtoras de conteúdo quanto o vídeo de Gabi tiveram o intuito de tentar mudar o

¹⁰ Canal De Pretas: <https://www.youtube.com/c/GabiDePretas/about>

¹¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FYG-vQwm3Lo>

¹² Vídeo “tour pelo meu rosto”, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CEOvcHPvvis>

olhar de mulheres em relação a suas inseguranças e olharem com mais respeito e carinho para seus corpos e traços étnicos.

Figura 8: Capa do vídeo “Tour pelo meu rosto”, do canal De Pretas



Fonte: Youtube

Em 2020, a youtuber foi convidada para ser embaixadora da marca de produtos de cabelo Seda, onde ganhou uma linha com seu nome, o “Seda by Gabi”, pensada e desenvolvida especialmente para cabelos crespos, assim como os dela. A Seda lançou ainda um comercial¹³ com a youtuber como protagonista, que foi transmitido na televisão em rede nacional. Além de trazer visibilidade e produtos específicos para cabelos crespos, que por décadas foram alisados por serem considerados feios, ruins, “duros”, a influenciadora fez com que, através do seu trabalho, mais jovens pudessem ter uma referência de cabelo crespo e mudar seus olhares em relação aos próprios cabelos. Também levou a estética negra para um lugar com tão pouca representatividade de mulher retinta e crespa que é a mídia tradicional.

No vídeo onde Gabi conta sobre o lançamento da linha, muitos comentários positivos de suas seguidoras mostram a influência positiva de sua imagem para a construção da identidade e auto estima de outras mulheres negras. Logo nos primeiros comentários, é

¹³ Comercial e Gabi Oliveira para a Seda <https://www.youtube.com/watch?v=aYO32fZEjrg>

possível ver mensagens positivas. “Ter uma mulher preta, crespa aparecendo em rede nacional divulgando uma linha de cuidados capilar para cabelos crespos. Isso é muito maravilhoso”; “Você é preta e crespa, eu também. Sua conquista, minha conquista. Estou muito feliz.”; “Significa muito pra todas nós mulheres pretas... Muito sucesso Gabi... Sabemos que estamos muito bem representadas.”; e “Não sou negra mas sei o que esse momento representa para todas as mulheres negras desse país. O mundo é seu....vai lá e arrasa”.

Apesar de extremamente importante, a estética não é a única pauta abordada no canal De Pretas. A comunicadora possui uma *playlist* em seu canal com 42 vídeos com temas relacionados a questões raciais. Entre os temas tratados, estão análises sobre casos de racismo que ocorreram na mídia, solidão da mulher negra, filosofia africana e mulherismo, maternidade negra, combate ao racismo dentro das escolas, cotas raciais, referências de mulheres negras e questões envolvendo a militância negra na internet.

Um vídeo do canal com tema interessante para analisar neste trabalho é o que Gabi fala da necessidade imposta pela sociedade para que, por conta das desigualdades sociais, os negros precisem ser sempre duas vezes melhor. No vídeo¹⁴ ela fala como o negro está sempre em desvantagem por conta de sua cor. Desde pequenas, crianças negras já sofrem com a ausência de estímulos intelectuais. Ela cita uma frase do grupo de rap nacional Racionais Mc's, da música “A Vida É Um Desafio”, que começa com a seguinte fala:

Desde cedo a mãe da gente fala assim:
 'filho, por você ser preto, você tem que ser duas vezes melhor.'
 Aí passado alguns anos eu pensei:
 Como fazer duas vezes melhor,
 se você tá pelo menos cem vezes atrasado
 pela escravidão, pela história, pelo preconceito,
 pelos traumas, pelas psicoses...
 por tudo que aconteceu?
 duas vezes melhor como ?
 (RACIONAIS, 2002)

No vídeo, Gabi fala sobre o peso dessa cobrança excessiva e como ela causa, ansiedade, frustração, síndrome da impostora, sensação de fracasso, entre outras angústias às pessoas negras. Essa falsa ideia de meritocracia que a sociedade impõe faz com que pessoas

¹⁴ Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ighOSn3p80I&t=625s>

negras tenham que se esforçar sempre mais por conta de uma desigualdade causada pelo próprio sistema que exige essa perfeição.

Figura 9: Capa do vídeo “O peso de ser duas vezes melhor”, do canal De Pretas



Fonte: Youtube

Tabela 1: Comentários no vídeo “O peso de ser duas vezes melhor”

Alguns dos principais comentários no vídeo “O peso de ser duas vezes melhor”
“E eu que me sinto duas vezes pior! A cobrança ao redor é tão grande que as vezes eu eu sinto que não consigo dar conta de nada”
“Lembrei q as mulheres precisam ser duas vezes melhor do q os homens e ainda assim, pode n rolar.Imagina a mulher negra..”
“Esse vídeo foi muito necessário para minha saúde mental Gabi, muito obrigada de verdade!”
“Fato "o peso de não pode falhar" é destrutivo. Pena ter demorado tanto para aprender isso.”
“não deu nem um minuto de vídeo e já estou chorando... esse peso de ser sempre a melhor me persegue diariamente e é tão pesado”

Fonte: Produção própria usando a ferramenta da plataforma "ordenar por" principais

Outro vídeo importante para ser analisado no contexto de representatividade é o que a youtuber fala sobre suas referências de mulheres negras. O vídeo¹⁵ foi um convite do Youtube, no mês da Consciência Negra, para falar sobre referências positivas de pessoas negras, diferentes das figuras estereotipadas da mídia para inspirar jovens e crianças negras. Ela traz personalidades de áreas diversas que a inspiram. A primeira delas é a atriz, produtora, escritora e cineasta estadunidense Issa Rae, que começou a sua carreira no Youtube e sentiu necessidade criar novas narrativas de pessoas negras diferentes das estereotipadas que estava acostumada a ver. A segunda é a filósofa e ativista do movimento feminista e antirracista, Sueli Carneiro. Gabi fala sobre a importância de fazer referência a figuras que abriram caminhos para que mulheres negras pudessem colocar suas narrativas na internet hoje.

A terceira mulher apresentada pela youtuber é sua assessora e amiga Egnalda Côrtez, que é fundadora da empresa Cortêz Assessoria, que faz um trabalho importante na parte comercial dos criadores de conteúdo, com contratos de publicidade, mediando o trabalho de seus agenciados com grandes empresas e mostrando a importância de inserir pessoas negras em campanhas, abrindo espaço para pessoas negras nesse mercado. A quarta mulher trazida por Gabi é atriz renomada e premiada, Viola Davis. A atriz é uma das maiores referências de mulher negra no cinema e sempre traz em suas entrevistas e discursos questões importantes referentes às desigualdades e falta de oportunidade sofridos por pessoas negras, principalmente as de pele mais escura. E, por último, ela homenageia a mãe, e também a avó e tias, expondo a importância das mulheres negras que a formaram e trouxeram a base para que ela pudesse alcançar os espaços que ocupa hoje.

Figura 10: Capa do vídeo “Vamos construir nossas referências”, do canal De Pretas

¹⁵ Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LYgu1EDBXpw>



Fonte: Youtube

Como a mulher negra não se resume às suas lutas e dores, o canal de Gabi de Pretas é repleto de conteúdo dos mais variados temas. Em uma série de vídeos chamados “Diário de adoção”, ela fala sobre o processo de adoção dos seus dois filhos e dá dicas relacionadas à burocracia desses procedimentos, além de falar um pouco sobre rotina e o processo de adaptação tanto sua quanto das crianças, sempre mantendo a privacidade dos dois.

Outro quadro do canal da youtuber é o “Cozinha e fala”. Desde 2019, ela parou de comer carnes, ovos, leites e derivados, embora não se intitule como vegana. Desde então, tem compartilhado receitas que não levam ingredientes de origem animal. Recentemente a youtuber criou outro canal para compartilhar suas receitas, chamado “Cozinhando com a Gabi¹⁶”. Outros temas abordados no canal são questões afetivas, resenhas de produtos e recomendações de filmes, séries e livros.

4.2 Afros e afins, com autonomia e intenção

Nátaly Neri está no Youtube com o canal Afros e Afins¹⁷ desde 22 de julho de 2015. A youtuber de 27 anos mora em São Paulo, capital, é formada em Ciências Sociais, aromaterapeuta, vegana e pansexual. Seu canal na plataforma conta com 787 mil seguidores

¹⁶ Canal Cozinhando com a Gabi: <https://www.youtube.com/channel/UChTC0O6Tyao84Ulf9ROpGMg>

¹⁷ Canal Afros e Afins: <https://www.youtube.com/c/NatalyNeri/featured>

38,6 milhões de visualizações. De acordo com a criadora de conteúdo, o canal surgiu de seu desejo de compartilhar uma vida vivida com mais “autonomia e intenção”.

Intenção é ação consciente. Nossa capacidade de agir com intenção no mundo ou em nossa vida pessoal é o que nos garante real transformação da nossa realidade e das que existem ao redor. Autonomia, por sua vez, é a sua capacidade de tomar decisões críticas analisando todas as variáveis. (NERI, descrição de seu canal no Youtube)

Em seus vídeos, Nátaly trata sobre raça, classe, gênero e sexualidade, sempre com um olhar interseccional. Ela faz análises de diversos temas da atualidade e questões relacionadas a sistemas de opressão, trazendo referencial teórico de grandes intelectuais e feministas negras. Nátaly traz ainda convidados para falar sobre questões sociais fora de sua vivência, mas que são importantes de serem tratadas, dando o devido lugar de fala aos visitantes. Exemplos desses vídeos são “Cota para pessoas trans”¹⁸ (2019), onde traz a convidada Maria Clara Araújo, primeira travesti do curso de pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco, para falar sobre o tema. Neri também aborda temas relacionados à transsexualidade junto ao seu namorado, Jonas Maria, um homem trans.

A youtuber realizou uma palestra TEDx¹⁹, em janeiro de 2017; com o tema “A mulata que nunca chegou”, a respeito de estereótipos e hipersexualização da mulher negra pelo qual passou durante sua passagem da adolescência para a fase adulta. O vídeo atingiu mais de 1 milhão de visualizações.

Ela também fez parte do projeto *Creator for Change*, cuja participação resultou na produção de seu documentário “Negritudes Brasileiras”²⁰. O documentário, disponível em seu canal no Youtube, entrevista mulheres negras com diferentes estéticas e histórias de vida, e traz especialistas no assunto para falar sobre a negritude no Brasil desde a época da escravização, tratando sobre a democracia racial, a construção da identidade do povo negro, os estereótipos, questões relacionadas ao colorismo, entre outros assuntos relacionadas a essa construção identitária.

A descrição do vídeo começa com a seguinte frase: “Consciência racial é o primeiro passo para libertação”. O projeto trouxe um material muito importante para o debate racial,

¹⁸ Vídeo “Cota para pessoas trans”, no canal Afros e Afins, disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=nVYxqZnlkVI&t=214s>>

¹⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=02TBfKeBbRw>

²⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SMIRaztcAwQ>

elucidando problemáticas sociais que fazem parte da vida de pessoas negras nesse país há séculos.

Figura 11: Capa do documentário “Negritudes Brasileiras”, do canal Afros e Afins



Fonte: Youtube

Dois vídeos importantes de serem analisados no canal Afros e Afins, dentro das referências teóricas descritas nesse trabalho, são os intitulados “Colorismo, ser negro e os 3 mitos da mulher negra²¹” e “Estereótipos da Mulher Negra Brasileira”. O vídeo, publicado em fevereiro de 2016, trouxe uma explicação a respeito do que é colorismo. Segundo Neri, o termo cunhado por Alice Walker, em 1982, se refere aos diferentes tons de pele negra, como pessoas com pele mais escura acabam sofrendo mais racismo do que negros de pele clara e que para esse segundo grupo o racismo se manifesta de maneira diferente.

Figura 12: Capa do vídeo “Colorismo, ser negro e os 3 mitos da mulher negra”, do canal Afros e Afins

²¹ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=DGGaLz_NYDo



Tabela 2: Comentários no vídeo “Colorismo, ser negro e os 3 mitos da mulher negra”

Alguns dos principais comentários no vídeo “Colorismo, ser negro e os 3 mitos da mulher negra”
“MUITO MUITO obrigada por esse vídeo! Me ajudou muito a entender quem eu sou!”
“Obrigada Nataly, graças a sua geração eu pude me reconhecer aos 41 anos,vc falou de mim,nesse vídeo”
“Esse vídeo foi muito necessário para minha saúde mental Gabi, muito obrigada de verdade!”
“Eu aprendo MUITO MAIS com a Nátaly do que com >qualquer< professora de história branca que já tive. O jeito que ela é bem estruturada, articula bem, explica de um jeito tão didático, sério perfeita”
“Parça vc vem me ajudando a me entende melhor sobre ser negro , pq ser negro não é só ter nariz grande e pele escura , é carregar consigo a história do meu antepassados que foram escravos que lutaram pra ter o que eu tenho hj, e entender q há sim muitas coisas a serem mudadas já que o racismo (colo vc msm disse) é algo estrutural, algo que está nas raízes brasileiras . Vc ensina muito bem sobre o assunto deveria ser professora de sociologia ksksksksk”

Fonte: Produção própria usando a ferramenta da plataforma "ordenar por" principais

Para ilustrar essa diferença de racismo sofrido por negros de pele clara e os de pele escura, ela fala sobre os estereótipos sofridos por mulheres negras em seus diferentes tons de negritude. Segundo a youtuber, existem três mitos de mulheres negras na ótica racista, que ela discute de forma mais aprofundada em seu outro vídeo “Estereótipos da mulher negra brasileira²²”. Publicado em 2020, no dia 25 de julho, Dia Internacional da Mulher Negra, Latina-americana e Caribenha e, aqui no Brasil, Dia Nacional de Tereza de Benguela, o vídeo trata sobre o mito da mulata, da doméstica e da mãe preta. Ela trata sobre o assunto à luz do artigo “Racismo e sexismo na cultura brasileira”, escrito por Lélia Gonzalez e abordado no primeiro capítulo deste trabalho.

Figura 13: Capa do vídeo “Colorismo, ser negro e os 3 mitos da mulher negra”, do canal Afros e Afins



Fora da pauta, em seu canal, Nátaly fala ainda sobre veganismo, sustentabilidade, consumo consciente e moda de brechó. Com seu estilo de vida sustentável, com o uso de roupas e móveis comprados em brechó, alimentação vegana, uso de cosméticos que não

²² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cvp3rvYVaDo>

tenham ingredientes de origem animal e nem sejam testados em bichos, Neri traz em seu canal muito conteúdo voltado para questões ambientais também. Além disso, a youtuber faz indicações e análises de filmes, séries e livros, fala bastante sobre aromaterapia, e produz conteúdos de beleza, principalmente relacionados à cabelo com *dreadlocks* e maquiagens veganas.

4.3 A potência chamada Xongani

“Ativismo afetivo”. Essa é a forma como Ana Paula Xongani descreve seu canal no Youtube. Empresária de moda - atuando como CEO, co-fundadora e estilista do Ateliê Xongani - e de comunicação - em sua empresa APX -, criadora de conteúdo para redes sociais, apresentadora no programa Se Essa Roupa Fosse Minha, do GNT e Globoplay, e do podcast Nada Sei e Trampapos, colunista de Moda e Sociedade no UOL Universa, palestrante e consultora.

Com um currículo grandioso, Xongani mostra apenas em sua existência a potência e excelência da mulher negra. A youtuber criou seu canal em 5 de julho de 2012, mas somente em 2015 começou a publicar vídeos de forma mais ativa, com intuito de compartilhar conteúdo relacionado à moda afro, beleza, cabelo com *dreads*, como os dela, e penteados para crianças negras, com sua filha Ayoluwa. Atualmente, o canal possui 95 mil inscritos e quase 2,5 milhões de visualizações. Mesmo tendo um canal bastante ativo há quase sete anos, uma relevância na comunicação de um modo geral, como é possível ver em seus inúmeros trabalhos, trazer pautas extremamente importantes para questões sociais, em especial relacionados ao racismo e feminismo, os números de Xongani ainda são pequenos quando comparados à outras ciberativistas.

No entanto, os números não tiram a relevância de seus conteúdos. Em seu canal, ela fala com “leveza e responsabilidade”, sobre temas importantes e urgentes “para que todo mundo junto construa um mundo mais justo e acolhedor para todas as pessoas, especialmente para as mulheres pretas”. Entre os temas tratados por Xongani, estão suas vivências enquanto mulher negra retinta e mãe de uma menina, assuntos em geral envolvendo raça e gênero, saúde - física e mental -, empoderamento - estético, político e intelectual -, educação de crianças, empreendedorismo, representatividade, sempre voltados para pessoas negras, em especial mulheres.

Para Ana Paula, o maior objetivo de seus trabalhos é ajudar a construir uma imagem preta positiva e fazer com que, através da narrativa de suas próprias vidas, a história da população negra que está sendo construída hoje não seja invisibilizada no futuro, assim como aconteceu no passado. Em entrevista ao portal de notícias Uol, em 2020, a youtuber declarou: "Fico imaginando que um dia, quando os escafandristas forem rever os nossos documentos, quem é essa civilização de 2020, a imagem de pessoas como eu precisa existir nessa história. Eles não podem chegar aqui e achar que era um país branco, sem diversidade" (VIOLA, 2020).

Entre seus vídeos mais populares, um bastante marcante e com tema sensível é o que ela intitulou "Eu tenho pressa"²³. No vídeo, ela conta que estava junto com sua filha, uma criança negra de pele escura assim como ela, chegando no prédio onde moram, e a menina viu outras crianças brincando e perguntou se podia ir brincar também. A mãe deixou e, ao chegar perto, as outras crianças ficavam fugindo ou rindo de sua filha. Xongani se aproximou e perguntou se elas não queriam brincar, Ayoluwa disse que "era sempre assim". A resposta da filha fez com que ela refletisse quando começa a solidão da mulher negra.

Em seu texto "Vivendo de amor", bell hooks fala:

O amor precisa estar presente na vida de todas as mulheres negras, em todas as nossas casas. É a falta de amor que tem criado tantas dificuldades em nossas vidas, na garantia da nossa sobrevivência. Quando nos amamos, desejamos viver plenamente. Mas quando as pessoas falam sobre a vida das mulheres negras, raramente se preocupam em garantir mudanças na sociedade que nos permitam viver plenamente. (HOOKS, 2010)

Xongani faz refletir, através de seu vídeo, como muito é falado sobre a solidão da mulher negra, principalmente relacionado às formas afetivas e românticas em que a mulher negra é preterida. No entanto, não é falado como, desde a primeira infância, meninas negras já sofrem com essa solidão, quando são deixadas de lado, quando a falta de educação racial de pais de crianças brancas as faz perpetuar o racismo desde cedo e sujeitar a mulher negra à rejeição logo no início de sua vida.

No vídeo ela pede ajuda para que pais e responsáveis por crianças brancas falem sobre isso com seus filhos e cuidadores de crianças negras deem acolhimento e amor para que não

²³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5fBhjPzXNi4>

façam dessa rejeição a referência de como merecem ser tratadas. A youtuber fala que tem pressa de mudar a realidade racista da sociedade atual, para que sua filha não sofra como mulheres como ela sofreram.

Figura 14: Capa do vídeo “Eu tenho pressa”, do canal Ana Paula Xongani



Fonte: Youtube

Tabela 1: Comentários no vídeo “Eu tenho pressa”

Alguns dos principais comentários no vídeo “Eu tenho pressa”
“OBRIGADA POR FALAR!!!! Por ter coragem de falar!!!! Temos pressa, muita pressa pra que a infância e o futuro das crianças negras seja no mínimo, mais humano e feliz.”
“Sem palavras. Me levou a minha infância, revivi os piores momentos de ser uma criança preta...luz pra vs!”
“Nossa eu chorei junto... tbm sou mãe. E tbm tenho pressa. Senti todas as suas palavras de forma intensa.”
“... tô sem fala! Muito palpável na vida de todas nós e das nossas crianças. “Todo amor do mundo pra explicar que a culpa não é delxs.”
“Esse video me quebrou por inteira essa semana. A gnt sempre se refere a solidao da mulher negra qnd é sobre questao afetiva amorosa mas sempre esquecemos que amizades, familia tb entram nesse quesito e isso faz com que esqueçamos que tem seu começo na

infancia. Quantas vezes nao tinha companhia para lancha na escola?!? todo mundo tem sua melhor amiga, seja de infancia seja de qqr coisa, e nós? Quantas irmãs da sua mae te escolhem como afilhada? Com quantos amigos na faculdade a gnt pode contar? É foda pq nao rola só nós da geração atual, é só a gnt ver nossa filiação preta, seja mae, seja pai, sempre sozinhos e a gnt faz o que com tudo isso? naturaliza. A gnt é forçada a saber viver sozinha, desde pequena e fazendo a manutenção na vida adulta para no fim morrermos sozinhos. Eu sinto muito pelo o que houve com sua pequena. Ela é importante, é inteligente e é linda, todo carinho por vc Ayo e tantas outras crianças pretas que passam pelo menos que vc”

Fonte: Produção própria usando a ferramenta da plataforma "ordenar por" principais

Xongani também publicou um vídeo falando sobre as problemáticas do feminismo branco, ao analisar as atitudes de uma participante do *reality show* Big Brother Brasil. Na edição 20 do programa, houve um debate muito grande a respeito do feminismo, por ter sido abordado por algumas participantes brancas que fazem parte do movimento, em especial a participante Marcela. No entanto, aqui fora, por meio das redes sociais, foi apontado o racismo cometido por ela em muitos muitos momentos no modo como tratava o participante Babu, um homem negro, e a invisibilização de sua amiga lá dentro, Thelma, uma mulher negra, dentro das questões levantadas.

Apesar da importância que foi ter a bandeira feminista levantada em rede nacional, foi possível perceber o erro que acontece com o feminismo desde que foi pensado pela primeira vez: a universalização da luta das mulheres e o não reconhecimento de outras lutas dentro e fora do movimento. Marcela, uma mulher branca e loira, de classe média alta, médica, privilegiada em diversas áreas de sua vida, é o retrato de muitas outras integrantes do movimento feminista, que não levam a desconstrução para além da sua própria luta.

O debate foi importante para se pensar ainda mais sobre a importância do feminismo interseccional, da luta das mulheres de forma ampla e múltipla, de enxergar as diferentes formas de opressão e não inviabilizar nenhum indivíduo.

Figura 14: Capa do vídeo “BBB 20 - Feminista, racista? Quantas “Marcelas” você conhece?!”, do canal Ana Paula Xongani



Fonte: Youtube

Além de questões sociais, o canal de Ana Paula é repleto de conteúdos sobre moda afro, beleza negra, vídeos com convidados e “conversas gostosinhas”, como ela costuma falar. Uma frase importante descrita no *site*²⁴ de Xongani e que revela a importância de mulheres negras, além de falar sobre luta, falar sobre outras coisas, é ““Para além de resistir, existir”. O fardo de estar na base da sociedade é muito pesado. E a importância de compartilhar suas vivências e dividir o peso, para que outras mulheres negras não se sintam só, e falar sobre questões diversas para tornar a existência da mulher negra mais leve e humana, torna esse conjunto todo um pouco menos difícil de suportar.

²⁴ Site Ana Paula Xongani: <https://anapaulaxongani.com/>

5 CONCLUSÃO

Conforme foi apresentado nesta pesquisa, o ciberativismo de youtubers negras têm ajudado outras mulheres negras em seus processos de consciência racial e empoderamento, através do debate sobre aceitação e valorização da estética negra e da representatividade que não era vista nas mídias tradicionais. Além disso, as produtoras de conteúdo têm levantado debates a respeito de questões sociais relacionadas à imagem da mulher negra que têm gerado aprendizado e troca de experiência entre suas seguidoras. Debater sobre racismo e sexismo, além de outras causas, é importante para que haja mudança e para que mais pessoas tenham consciência a respeito desses sistemas de opressão.

O objetivo do trabalho foi mostrar o potencial da fala da mulher negra e como sua voz pode ser um instrumento de transformação para si e para a sociedade. Para além da luta pelos seus direitos de ser e de ocupar espaços, a voz da mulher negra se mostra poderosa quando ela usa essas ferramentas de comunicação para falar sobre suas vivências e mostrar as subjetividades, peculiaridades, gostos, orientações e diversidades que existem entre elas, quebrando estereótipos e as tirando do lugar passivo da história, onde sempre foram colocadas em segundo plano e narradas de forma depreciativa.

Como foi dito na introdução deste trabalho, a história e realidade do povo negro é marcada pela dor do açoite diário de racismos diversos. Mas essa história e realidade não é resumida por dor. A pele preta carrega em si potência, talento e excelência. Características herdadas por um antepassado de realeza, de reis e rainhas do mundo físico e espiritual que a cultura negra carrega de forma intrínseca. E todo esse movimento de luta por espaço e fala é para mostrar tudo o que o povo preto sempre foi, mas que o impediram de mostrar, e reafirmar o lugar de protagonismo que sempre mereceu, mas o foi negado.

Assim, ao transformar o ser “mulher negra” em uma coisa única, é tirado delas todas as suas características específicas e particulares que torna cada uma única. Afinal, a mulher negra é mais do que esperam que ela seja. Ela é quem ela quiser.

Ao analisar os canais foi possível perceber como as três youtubers produzem conteúdos de relevância e praticam ciberativismo através de suas redes. Seus vídeos pautam as opressões diárias que mulheres negras têm vivido nos últimos séculos e que afetam suas dignidades, autoestima física e intelectual, causando inseguranças emocionais e afetando sua capacidade de se relacionar e de respeitar seus limites. Com bastante referencial teórico de

feministas negras, os assuntos têm causado impacto positivo na vida de muitas jovens negras. Além disso, elas falam sobre temas diversos, como moda, cinema, educação, relacionamento, afetividades, saúde física e mental, estilo de vida e atualidades.

No entanto, mesmo com conteúdos que agregam às causas sociais, com resposta positiva do público que assiste, convites para campanhas, premiações, reconhecimentos e uma grande bagagem intelectual, há uma questão problemática em comum com os canais dessas mulheres e de muitas outras youtubers negras. Há ainda pouca visibilidade quando comparado com outras produtoras de conteúdo digital brancas. Somado a isso, este trabalho mostrou como os algoritmos e as ferramentas de inteligência artificial tem prejudicado pessoas negras que trabalham com internet e tem reproduzido racismo, com códigos que mostram a imagem negra de forma pejorativa.

É necessário investigar até onde esses algoritmos influenciam nos números de youtubers negras e fazer uma análise comparativa com youtubers brancas que tratam também sobre questões sociais, baseado em assuntos, tempo de profissão, periodicidade na publicação dos vídeos e o alcance de seus conteúdos, com objetivo de entender essa diferença de números e engajamento.

Além disso, seria interessante, a partir desse movimento de ciberativismo de mulheres negras, analisar qual impacto que os assuntos levantados e o alcance obtido pelos canais de YouTube como esses tiveram na mídia tradicional. Com isso, é possível afirmar que esse trabalho de conclusão de curso abre espaço para inúmeras reflexões e para abordar diversos temas relacionados ao feminismo negro e ao lugar da mulher negra na sociedade.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro)

BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro)

BURGESS, Jean; GREEN, Joshua. **YouTube e a Revolução Digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade**. Trad. de Ricardo Giassetti. São Paulo: Aleph, 2009.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CASTELLS, M. **A galáxia da Internet - Reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

COLLINS, Patricia Hill. **Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro**. *In*: Revista Sociedade e Estado, vol.31, n.1. Janeiro/Abril 2016, p.99-127.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DAVIS, Angela. **As mulheres negras na construção de uma nova utopia**. Portal Geledés. 2011 jul 12. Disponível em:

<<https://www.geledes.org.br/as-mulheres-negras-na-construcao-de-uma-nova-utopia-angela-davis>> Acesso em: 3 de fev. de 2022.

EVARISTO, Conceição. **Escrevivência: a escrita de nós — Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Organização Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes ; ilustrações Goya Lopes. 1ª ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020, p. 26-46.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p. 223-244.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOOKS, bell. **E eu não sou uma mulher? Mulheres negras e feminismo**. 1ª edição 1981. Tradução livre para a Plataforma Gueto. Janeiro 2014.

HOOKS, bell. **Moldando a teoria feminista**. In: Revista Brasileira de Ciência Política, n.1. Brasília jan./abr. 2015. p.193-210.

HOOKS, bell. **Vivendo de Amor**. Portal Geledés. 2010 mar 09. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>> Acesso em: 3 de fev. de 2022.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação – episódios de racismo cotidiano**. 1ª edição. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LEMOS, André; CUNHA, Paulo (orgs). **Cibercultura. Alguns pontos para compreender a nossa época**. In: Olhares sobre a Cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2003. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/237248286_CIBERCULTURA_Alguns_pontos_para_compreender_a_nossa_epoca>. Acesso em: 25 de fev. 2022.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 1ª edição. São Paulo: Editora 34, 1999. Disponível em: <<https://mundonativodigital.files.wordpress.com/2016/03/cibercultura-pierre-levy.pdf>>. Acesso em: 3 de fev. de 2022.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

PIEDADE, Vilma. **Dororidade**. São Paulo: Editora Nós, 2017.

QUEIROZ, Eliani de Fátima Covem. **Ciberativismo: a nova ferramenta dos movimentos sociais**. Panorama, Goiânia, GO: V. 7, n. 1, p. 2-5, 2017. Disponível em: <<http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/panorama/article/view/5574/3064>> Acesso em: 28 de fev. de 2022

RESENDE, Tamires Parreira. et al. **Ciberativismo Nas Redes Sociais: Compartilhando Mudanças**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste – Campo Grande, MS, 4 a 6/6/2015. Disponível em: <<https://www.portalintercom.org.br/anais/centrooeste2015/resumos/R46-0099-1.pdf>>

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro)

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SODRÉ, M. **Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

VIANA, Gessica de Castro Silva. **Ciberfeminismo e a (in)visibilidade da mulher negra youtuber**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Mídia). Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2019.